

## RESENHA

WARD-PERKINS, Bryan. *The Fall of Rome and the End of Civilization*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2005. xii + 239p. ISBN 0-19-280728-5.

Gustavo H. S. S. Sartin<sup>1</sup>

A obra em questão trata principalmente do declínio material do Império Romano durante a Antiguidade Tardia. A abordagem de Bryan Ward-Perkins – professor da Universidade de Oxford – é, portanto, sobretudo arqueológica. Nada mais natural, visto que seu pai foi J. B. Ward-Perkins (1912 – 1981), destacado arqueólogo da Antiguidade Clássica. Surpreendente, contudo, foi o objetivo do filho, que pretendeu romper com os paradigmas atualmente predominantes – ainda que cada vez mais questionados – na historiografia sobre o fim do mundo antigo. No que concerne à história da disciplina, a propósito, *The Fall of Rome and the End of Civilization*, ao lado de *The Fall of the Roman Empire: A New History of Rome and the Barbarians*, publicado no mesmo ano por Peter Heather, podem ser apontados como marcos historiográficos nos estudos sobre o período. Ambas são obras de síntese que questionam a ênfase na continuidade entre os mundos greco-romano e medieval, em voga desde os anos 1970 e ainda predominante no Brasil.

O autor se dedica aos estudos sobre a transição entre os mundos greco-romano e medieval desde a década de 1980. Seu currículo inclui a publicação de *From Classical Antiquity to the Middle Ages: Urban Public Building in Northern and Central Italy AD 300-850*, pela editora da Universidade de Oxford em 1984, além de dois capítulos na prestigiosa coleção *Cambridge Ancient History*<sup>2</sup>.

Para Bryan Ward-Perkins, a influência de Peter Brown a partir da publicação de *The World of Late Antiquity* em 1971 e a consequente ascensão do conceito de “Antiguidade Tardia” implicaram em mudanças profundas: “palavras como ‘declínio’ e crise, que sugerem problemas no fim do império e que eram bastante usuais até os anos 1970 basicamente desapareceram dos vocabulários dos historiadores, para serem

---

<sup>1</sup> Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestrando em História e Espaços na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Emilia Monteiro Porto.

<sup>2</sup> Perkins contribuiu com *The Cities* (As cidades) para volume dedicado ao Império Romano tardio, publicado em 1998, e com *Specialized Production and Exchange* (Produção Especializada e Comércio) para o volume sobre a Antiguidade Tardia, publicado em 2001.

substituídos por termos neutros como ‘transição’, ‘mudança’ e ‘transformação’<sup>3</sup>. Mesmo a natureza violenta das chamadas “invasões bárbaras” – um ponto de concórdia antigo – teria sido revista, de modo que estas passaram a ser tomadas como assentamentos em grande medida pacíficos.

Segundo o autor, haveria um elemento ideológico operando por trás de tal mudança, uma vez que enquanto a Alemanha era vista como ameaça por ingleses, franceses e estadunidenses, os germânicos eram apresentados como “vilões”. Recentemente, todavia, os rancores de outros tempos teriam se reduzido e, enquanto a União Europeia busca forjar um espírito de cooperação entre nações ocidentais, teria sido estimulada a produção de obras que apresentassem a transição do mundo antigo para o medieval como pacífica. Esse teria sido o contexto da produção de livros como *Kingdoms of the Empire: The Integration of Barbarians in Late Antiquity*, publicado em 1997 por W. Pohl, cujo título evidencia o paradigma da continuidade (pp. 172-179).

Para tratar do fim do mundo greco-romano, Ward-Perkins teve que justificar seu emprego do termo “civilização”, que foi em grande medida abandonado pelos historiadores nas últimas décadas em virtude das implicações supostamente elitistas de seu emprego. Para ele, contudo, o termo simplesmente significa “sociedade complexa e aquilo por ela produzido” (p. 167). Nesse sentido estrito, que exclui qualquer julgamento moral, seria possível falar em “fim” ou “decadência” da civilização greco-romana. Avaliando a substituição do termo “civilização” por “cultura”, ocorrida nas últimas décadas, o autor asseverou:

Não tenho qualquer objeção quanto ao aspecto principal desta mudança e certamente me apraz ver o fim de “civilização” como um símbolo de superioridade moral. Não obstante, abandonar de vez o conceito de “civilização” cria o risco de se impor uma visão muito achatada (*flat*) das culturas mundiais. Para o bem ou para o mal – e frequentemente para o mal – algumas culturas foram muito mais sofisticadas do que outras. Sociedades com grandes cidades, complexas redes de distribuição e produção, além de uso difundido da escrita, são claramente diferentes de sociedades rurais, com produção essencialmente familiar e cultura oral. A transição dos tempos romanos aos pós-romanos foi um dramático movimento da sofisticação para uma muito maior simplicidade<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Words like ‘decline’ and ‘crisis’, which suggest problems at the end of the empire and which were quite usual into the 1970s, have largely disappeared from historians’ vocabularies, to be replaced by neutral terms, like ‘transition’, ‘change’, and ‘transformation’. p. 4.

<sup>4</sup> I have no objection to the main thrust of this change, and I am certainly delighted to see the demise of ‘civilization’ as a badge of moral superiority. But abandoning altogether the concept of ‘a civilization’ risks imposing too flat a view on the world’s cultures. For better or worse (and often it is for the worse), some cultures are much more sophisticated than others. Societies with large cities, complex production- and distribution-networks, and the widespread use of writing, are markedly different from societies of

Perkins defende, assim, que os territórios que compunham o Império Romano do Ocidente após o início do século V teriam sido justamente marcados pela simplificação social e econômica, além da redução populacional.

A quantidade de evidências do declínio da civilização greco-romana a partir do século V apresentadas na obra é grande demais para ser abordada de forma minuciosa aqui. Cabem, não obstante, ao menos dois exemplos significativos. O primeiro deles está relacionado à agricultura. Para o autor, o mundo pós-romano foi caracterizado pelo cultivo de subsistência, que teria substituído um complexo sistema de comércio de alimentos, produzidos de forma especializada pelas diferentes regiões. A redução da atividade comercial, em virtude do clima geral de insegurança, teria significado o fim da especialização regional e tido como resultado o decréscimo dos níveis gerais de produtividade (pp. 144-145). Teria se seguido, então, um quadro de escassez de alimentos, de redução populacional e de abandono de vários sítios antes ocupados.

Embora reconheça que não seja possível a obtenção de estatísticas referentes aos níveis de alfabetização nos tempos imperiais, o autor argumenta que a grande quantidade tanto de *grafitti* quanto de instâncias de uso da escrita para registros efêmeros (como, por exemplo, listas de bens) serviriam para atestar que o conhecimento da escrita era bastante disseminado. Dos séculos VI e VII, todavia, com exceção talvez do reino visigodo, teriam restado sobretudo registros formais feitos para durar (como documentos e leis). Nesse contexto, apenas as cartas trocadas pelos que ocupavam as posições mais elevadas na pirâmide social revelariam um uso da escrita para registros efêmeros. Essa diferença sugeriria, segundo o autor, uma queda na difusão do uso da escrita (pp. 158-167).

Não há dúvida de que *The Fall of Rome and the End of Civilization* tenha chegado em um momento auspicioso. Desde Peter Brown e Henri-Irénéé Marrou (autor de *Décadence romaine ou antiquité tardive?*) a historiografia sobre os séculos que cobrem o colapso do Império Romano do Ocidente e a criação dos reinos “bárbaros” que o sucederam vem sendo dominada por abordagens culturalistas que frequentemente ignoram as transformações nas estruturas sociais, econômicas e mesmo políticas ocorridas durante o período em questão. Bryan Ward-Perkins a isso respondeu com verve e eloquência. Ganha a disciplina.

---

villages, with essentially household production and an oral culture. The transition from Roman to post-Roman times was a dramatic move away from sophistication towards much greater simplicity, pp. 178-179.